



Fé e Compromisso

Alexandre Santos

Artigo sobre a relação entre Fé e Compromisso, explicando a presença da fita vermelha que, desde 23 de janeiro de 2018, carregou no pulso esquerdo

Começo da noite de 23 de janeiro de 2018, na Esquina da Democracia no centro de Porto Alegre. A euforia era incontrolável. Pudera! Lula acabara de fazer um dos mais belos discursos da sua carreira. Naquela festa da democracia e do amor cívico, amalgamando toda a Nação, brasileiros de todos os Estados, todas as crenças, todas as etnias, agitavam e vestiam bandeiras - bandeiras verde-amarelas de amor ao País, vermelhas de solidariedade e de amor ao próximo, multicoloridas com o arco-íris da diversidade sexual, de dezenas de organizações sociais, de centenas de causas -, que tremulavam juntas, umas apoiando e complementando as outras, mostrando o largo espectro de apoio ao grande estadista sob ameaça e revelando o espírito coletivo que animava a multidão. As pessoas entoavam palavras-de-ordem e músicas em meio a sorrisos e choros. Emoção pura. Entrega total. Se, de um lado, conscientes de que não havia qualquer prova contra o grande presidente, as pessoas esperavam que, no dia seguinte, fazendo justiça, os desembargadores anulassem a injusta sentença proferida pelo juiz de Curitiba, de outro [lado], dispostas a ir às últimas conseqüências para livrar Lula (do golpe que, com o apoio do poder judiciário, se renovava a cada dia), [as pessoas] estavam preparadas para enfrentar a repressão, reeditando os momentos mais gloriosos da resistência democrática nos anos de chumbo.

Foi neste clima que, de repente, tendo a minha companheira de lutas políticas Ana Maria Rodrigues de Lima como testemunha, um dos manifestantes perguntou se eu aceitaria usar uma fita do Nosso Senhor do Bonfim até que nossos desejos se realizassem. No calor do momento, eu - que não sou chegado a estas coisas - concordei e, automaticamente, estendi o braço esquerdo, fazendo a minha parte na simpatia. De imediato, compenetrado em gesto evidente de fé e murmurando alguma coisa, ele e a esposa envolveram meu punho com uma fita vermelha, depois de várias voltas arremataram a mandinga com nós apertados.

Pronto. Naquele momento, eu (que me proclamo agnóstico) tinha assumido um compromisso com a fé. O compromisso era meu e a fé era de um rapaz que eu nunca vira (e, provavelmente, nunca mais vou ver). Pelo acertado, eu usaria a fita no pulso até que nossos desejos se realizem. Como, ao contrário dele e da esposa, não fiz qualquer pedido, só vou saber se a graça foi alcançada no dia em que, por conta própria, a fita que uso até hoje cair.

No ano transcorrido desde aquele dia, muita coisa aconteceu. Lula foi condenado em segunda instância, preso, quase solto por diversas vezes, se não fosse o TSE ter desobedecido a ONU, teria disputado as eleições, provavelmente, teria vencido e, hoje, seria o presidente da república do Brasil. Na outra ponta dos desejos possíveis, Michel Temer pôs em prática a mais densa agenda liberal de desmonte da economia nacional, anulando avanços sociais e entregando setores econômicos importantes ao estrangeiro; agora, ao invés de Fernando Haddad, como muitos desejavam, o Capetão Jair Bolsonaro ocupa o Palácio do Planalto e adota uma pauta ultraconservadora, aprofundando mais ainda aquilo que já parecia insuportável nos tempos de Michel Temer.

Cada vez mais surrada e desmilinguida, a fita vermelha permanece firme em meu pulso, indicando que o pedido do meu amigo de Porto Alegre ainda não se realizou. Espero que o desejo dele se realize rápido e seja coisa boa para todo mundo. Uma coisa é certa. Eu não vou trair a minha parte no acordo e, pouco importando se acredito ou não nestas coisas, vou usar a fita até que os desejos dele se realizem.

(*) Alexandre Santos é presidente da Câmara Brasileira de Desenvolvimento Cultural